

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA ARTÍSTICA
DA SÉ DO PORTO
NOS SÉCULOS XVII-XVIII (I)

Nótula sobre algumas obras (1665-1709)

Por Joaquim Jaime B. Ferreira Alves

1 — Introdução

A Sé do Porto foi durante os séculos XVII e XVIII um centro de intensa actividade artística, transformando-se ao longo dessas duas centúrias, e de uma forma especial em determinadas épocas, num local privilegiado da arte portuense. Para trabalhar na Catedral vieram para o Porto artistas nacionais e estrangeiros que, ao lado dos naturais da cidade e seu termo, contribuíram para a sua renovação. Com as alterações feitas na estrutura medieval e com a preocupação de enriquecê-la através de uma decoração mais faustosa, vemos, por vezes, introduzir-se um vocabulário artístico que, ensaiado na Sé, irá passar para outros edifícios da cidade e para toda uma vasta área que o Porto influencia.

Ao longo de seiscentos e setecentos encontramos a Catedral em obras de uma forma quase permanente, ainda que dois períodos mereçam uma referência especial. No primeiro, sendo bispo D. Frei Gonçalo de Morais (1603- 1617), substituiu-se a capela-mor medieval por uma nova. No segundo, em tempo de Sede Vacante (1717-1741), foram introduzidas grandes transformações em todo o edifício, que lhe deram uma profunda marca barroca.

Estas obras e outros aspectos artísticos da Sé do Porto, para o período em causa, receberam a atenção de diversos investigadores, entre os quais salientamos Carlos de Passos, Artur de Magalhães Basto, Bernardo-Xavier Coutinho, António Cruz, Flávio Gonçalves, D. Domingos de Pinho Brandão e Natália Marinho Ferreira Alves. Apesar dos contributos dados por todos eles, a história artística da Sé do Porto (séculos XVII-XVIII) tem ainda enormes lacunas. Para preenchê-las é necessária uma investigação sistemática, nem sempre fácil e sempre lenta.

A investigação iniciada por nós há alguns anos sobre a Catedral portuense, vai permitir a divulgação de novos elementos que iremos publicando, procurando assim, com aquilo que já foi escrito, criar uma base sólida para o conhecimento de uma das fases mais significativas da história da Sé do Porto.

Os documentos de que nos ocuparemos neste trabalho situam-se cronologicamente entre 1665 e 1709. Neste espaço de tempo a diocese do Porto esteve em Sede Vacante (1639-1671) ou foi governada pelos bispos D. Nicolau Monteiro (1671-1672), D. Fernando Correia de Lacerda (1673-1683), D. João de Sousa (1684-1696) e D. Frei José de Santa Maria Saldanha (1697-1708). O último documento, de Janeiro de 1709, antecede em alguns meses a chegada ao Porto de D. Tomás de Almeida (1709-1717). Todos eles estão relacionados com obras que naquele período se efectuaram na Sé, algumas das quais de grande importância como as que se realizaram na sacristia e na Capela do Santíssimo Sacramento.

2 — Concerto da torre sul ou torre do relógio (1665-1666)

A partir do início do século XV, ou mesmo «desde os fins do século XIV»¹, existia na Sé do Porto o sino do relógio, colocado numa das torres da sua fachada². No princípio as horas eram tangidas manualmente, situação que mais tarde seria alterada ao colocar-se um relógio mecânico — finais do século XV/começos do século XVI — que em 1540 se encontrava já estragado, sendo necessário mandar vir «novos engenhos da Flandres»³.

¹ SILVA, Francisco Ribeiro da — *O Porto e o seu tempo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder*, vol. II, Porto, 1988, p. 640.

² «Vereações». *Anos de 1390-1395*, Porto, s/d, p. 377 (Comentários e notas de A. de Magalhães Basto).

³ *Idem*, pp. 378-379.

A torre da fachada de Sé, onde estava colocado o relógio, era a torre sul — «el Relox, que està en la (torre) que mira el Palacio Episcopal»⁴. Aí permaneceu até à segunda metade do século XVII, sendo então retirado pela Câmara. Esta alegava «que o Relógio não fazia falta, pela abundancia que dêles havia na Cidade»⁵. Assim ficaria a Sé sem relógio até 1685, ano em que pela Carta Régia de 30 de Janeiro se determinou que, tanto aquele como o sino (dado pela Câmara ao Convento de S. João Novo) voltassem para a Catedral⁶. Em 1732 encontrava-se o relógio na torre⁷, enquanto que nas *Memórias Paroquiais de 1758*, o pároco da freguesia da Sé diz-nos que «o frontespicio (da Catedral) hé de excelente architectura com duas grandes torres, e no meyo destas o relógio»⁸. Depois das grandes obras de transformação feitas no edifício entre 1717-1741, o relógio foi colocado numa «espécie de arco de triumpho [...] erguido sobre a zona central»⁹ levantado na fachada, entre as duas torres, como se pode ver num desenho executado pelo architecto Alfredo Machado em 1918 (Fot. 1), e onde se deve ter mantido até às obras de restauro executadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

O documento agora apresentado está relacionado com o concerto que se fez na torre sul (1665-1666), «aonde de antes estava o relógio», altura, como já referimos, em que o relógio tinha sido retirado pela Câmara. Naquele ano, a 13 de Outubro¹⁰, em período de Sede Vacante

⁴ NOVAIS, Manuel Pereira de — *Anacrisis Historial*, Tomo IV (II Parte), Porto, 1918, p. 146.

⁵ «*Vereacoens*»..., p. 379.

⁶ Idem, pp. 379-380.

⁷ Idem, p. 380.

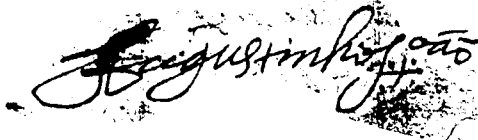
⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Memórias Paroquiais*, vol. 30, Porto — Freguesia da Sé, fl. 1630.

⁹ SMITH, Robert C. — *Nicolau Nasoni. Architecto do Porto*, Lisboa, 1966, p. 74.

¹⁰ Arquivo Distrital do Porto (A.D.P.), Secção Notarial, Po-8, n.º 25, fls. 132-134.

Fiador: *Agostinho João*, ensamblador, residente na rua Chã (Porto).

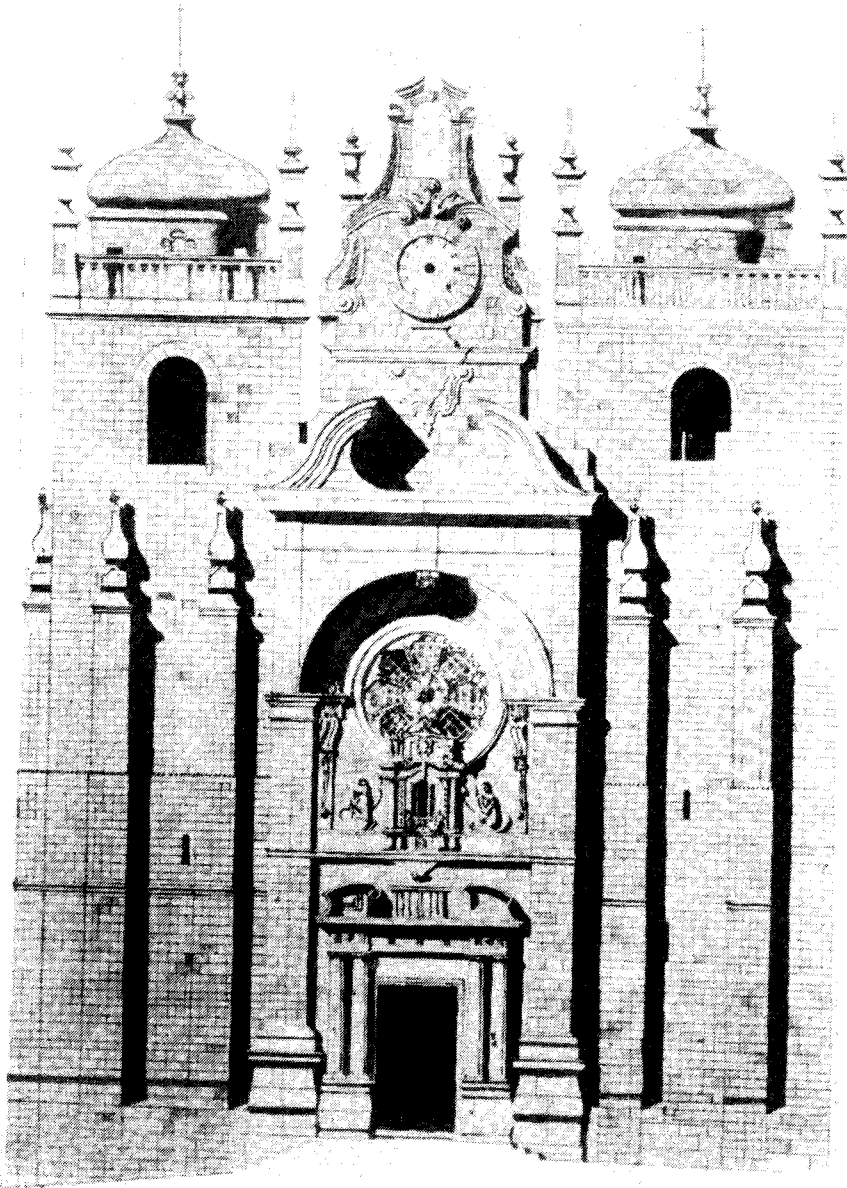
Abonador do fiador: Manuel Fernandes, lavrador, residente em São Vicente do Pinheiro (São Vicente do Pinheiro de Vandoma), Penafiel.



Testemunhas: António Fernandes, ferreiro. «morador fóra da Porta da rua de Carros» (Porto);

António da Silva, porteiro «do júzo eclesiastico»;

Domingos de Oliveira, residente na rua das Freiras de São Bento.



Fot. 1 — PORTO — Sé — Fachada antes do restauro segundo o desenho de Alfredo Machado. (Reprodução feita de: SMITH, Robert C. — Nicolau Nasoni. Arquitecto do Porto).

(1639-1671), foi elaborado um contrato, no claustro da Sé, entre os reverendos João de Araújo Costa, arcediogo de Oliveira do Douro, Dr. João Rodrigues de Araújo, provisor e vigário geral, e Pantaleão Beleza, e o mestre de pedraria *Simão de Sousa*, «da freguesia de Fonte Arcada da comarca de Penafiel», que havia arrematado a obra¹¹, em 11 de Outubro.

Simão de Sousa, segundo o auto de arrematação, tinha que fazer o «comserto da torre da See aonde de antes estava o relógio» para ficar com a altura que tinha anteriormente, «e somente com ameias, o sino campanario que dantes tinha e com a mesma grosura da parede e canos pera lançar as augoas fora». Para a execução do trabalho foram entregues ao mestre pedreiro apontamentos¹², recebendo pela obra duzentos e cinquenta mil réis. O prazo estipulado para a sua conclusão era de sete meses, de Novembro de 1665 até ao último dia de Maio de 1666.

3 — Ampliação da sacristia (1700)

A sacristia levantada no tempo de D. Fr. Gonçalo de Moraes, bispo do Porto de 1603-1617¹³, foi acrescentada no início do século XVIII. Em 9 de Junho de 1700¹⁴, na rua do Penedo (ou de Santo António do Penedo),

¹¹ A.D.P., Idem, ibidem, fls. 132v.-133. Foram testemunhas do auto de arrematação: *Domingos Luís*, mestre de pedraria, e Amaro Ribeiro.

¹² «... apontamentos que mandaram fazer os Reverendos Senhores do Cabido como guovernadores da Mitra e seu fabriqueiro o reverendo senhor Domingos de Araújo Costa, Arsediago de Oliveira, na sua torre onde estava o relógio = primeiramente se ha de derubar o cunhal que esta pera a banda do Passo athe o direito donde acaba a mão do relógio = comesara em sima onde bate o cano de auguoa augusa e viram escarpando athe segurar o cunhal com grandes cunhais e pedras de juntouros pera que fique com grande segurança = logo do outro cunhal que fica para a banda da See o desfaram athe sinco fiadas e viram desfazendo, athe huma genelinha por onde se sahia para pintar a mão do relógio e se desfara athe onde acaba a pintura da mão do relógio e dai para riba tornarão a comesar a obra com grande segurança com pedras de juntouros na mesma grosura que dantes estava comsertando se tudo como de antes estava que sam os canos e alguma pedra que estiver descomposta não se fala = aqui no campanario porque se me disse que não tratasse delle = o mestre que tomar esta obra sera obrigado a dar esta obra feita no tempo que se lhe asentar com grande segurança = e o Reverendo Cabido não sera obrigado a mais que a dar o dinheiro que com elle asentar = e a cal que for nesaria que as mais couzas todas pranchas cabos gindastes e saibro tudo corre por conta do dito mestre que tomar a dita obra o que fara com grande segurança...». A.D.P., Idem, ibidem, fls. 132-132v.

¹³ FERREIRA, J. Augusto — *Memorias Archeologico-historicas da Cidade do Porto (Fastos Episcopaes e Politicos). Séc. VI-Séc. XX*, vol. II, Braga, 1924, p. 197.

¹⁴ A.D.P., Secção Notarial, Po-9, 3.ª série, n.º 4, fls. 25-26.

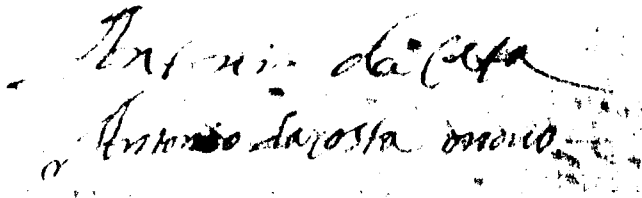
Testemunhas: Pantaleão da Silva Vasconcelos e *João Gonçalves*, carpinteiro, este, residente defronte da Sé.

em casa de Frei Gaspar da Silva Guimarães, «thezoureiro da Mitra deste bispado e arendador das rendas e obras pertensentes a ella», foi elaborado um documento notarial pelo qual seriam contratados os mestres pedreiros *António da Costa* e seu filho *António da Costa, o novo*¹⁵, para executarem a obra da ampliação¹⁶ da sacristia da Sé, que haviam arrematado em 31 de Maio¹⁷.

Os dois artistas tinham que levar a efeito a obra segundo os «apontamentos e planta e trasa» que lhes foram entregues e que tinham sido apresentados no auto de arrematação. Os apontamentos, que permitiriam conhecer o que nessa altura foi acrescentado na sacristia, não foram transcritos no documento em causa, o que não permite, de momento, saber com pormenor as alterações então efectuadas.

O aumento da sacristia estaria, provavelmente, concluído em Março de 1701. Em 31 daquele mês foram contratados os pintores-douradores *Manuel Leão* e *Mateus Nunes de Oliveira* para pintarem e dourarem a sacristia¹⁸ — «fazer-se o brutesco e dourado e mais pinturas na sacristia da Sé». Através deste contrato, rico em pormenores em relação à decoração então feita na sacristia, obtemos algumas informações acerca da sua estrutura arquitectónica: cobertura abobadada com seus

¹⁵ Residentes na freguesia de Santo Ildefonso (Porto).



António da Costa
o novo

¹⁶ «em razão da sãochrestia da See desta cidade necessitar de ser acrescentada e fazer a nova obra conforme a planta e apontamentos que para isso se tem feito para a obra de pedraria». A.D.P., Idem, ibidem, fl. 25.

¹⁷ «para que viesse noticia aos officiaes que nella quizesse lansar se mandou por editais nas portas e lugares costumados desta cidade para que qualquer pesoa que nella quizesse lançar viesse ao pateo dos Passos Piscopaes desta cidade em os trinta e hum dias do mes de Maio passado deste prezente anno que ai se avia de rematar a quem por menos preso a quizesse fazer, e com effeito sendo no sobredito dia de tarde andou a dita obra a lansos em o dito sitio em que ouve varios lansadores que nella derão seus lansos porem os que menos derão e lansarão para fazer a dita obra na forma da planta e apontamentos que ai lhe forão mostrados forão os sobreditos mestres pedreiros Antonio da Costa e seu filho Antonio da Costa que lansarão duzentos e noventa e cinco mil reis e por não haver quem por menos nem por tanto a quizesse fazer senão os sobreditos que se obrigarão a fazella na sobre dita quantia». A.D.P., Idem, ibidem, fls. 24-25v.

¹⁸ PINHO BRANDÃO, D. Domingos — *Obra de talha dourada, ensablagem e pintura na cidade do Porto. 1700-1725*, II, Porto, 1985, pp. 71-77.

arcos assentes em pilastras, que a dividiam em tramos; nicho de pedra, destinado a receber um retábulo para albergar um crucifixo; quatro aberturas e um óculo.

As transformações feitas na sacristia, arquitecturais e decorativas¹⁹, são referidas por Frei Henrique Florez quando se reporta ao bispo D. Frei José de Santa Maria Saldanha — «Adornó la Sacristia de la Cathedral com molduras, y una Cajoneria vistosa»²⁰.

Seria esta sacristia reformada com as suas pinturas de «brutesco» que Nicolau Nasoni encontrou quando chegou ao Porto em 1725, para pintar o interior da Sé, pinturas que desapareceram com o incêndio de 1731, o que levou a que o pintor-arquitecto italiano se ocupasse a partir dessa data da decoração da sacristia da Sé.

4 — Algumas obras na Capela do Santíssimo Sacramento (1707-1708)

A Capela do Santíssimo Sacramento, capela colateral do lado do Evangelho, na Sé do Porto, sofreu obras importantes na primeira década do século XVIII, documentadas através de três contratos, dois de 1707 e um de 1708.

Os dois primeiros documentos, de Março de 1707, foram feitos respectivamente no dia 1 e no dia 29. Pelo primeiro contrato²¹, o Cabido da Sé do Porto, do qual era deão João Freire Antão, autorizava a Confraria do Santíssimo Sacramento²² da Sé a demolir a Capela de São Gregório²³

¹⁹ Já em 19 de Julho de 1700, tinham sido encomendados aos mestres ensambladores *Valério da Silva* e *António Moutinho* três caixões (arcazes) e dois guarda-roupas (armários contadores) para a sacristia, assim como o estrado para os arcazes. Idem, *ibidem*, pp. 39-50.

²⁰ *Theatro Geographico Historico de la Iglesia de España*, XXI, Madrid, 1766, p. 229.

²¹ A.D.P., Secção Notarial, Po-1, 4.ª série, n.º 220, fls. 90v.-91v.

Testemunhas: Manuel Pinheiro Gomes; Domingos do Couto e Manuel Almeida de Loureiro.

²² A Confraria do Santíssimo Sacramento estava representada por:
cónego José Lopes da Fonseca, mordomo;
Manuel de Freitas de Faria, mordomo;
Manuel Telo da Veiga, escrivão;
Gaspar de Miranda, procurador;
António Vieira da Silva, procurador;
Bento de Campos Silveira, procurador;
Bento Aranha de Araújo, procurador.

para poderem alargar a Capela do Santíssimo Sacramento para a parte onde se encontrava a primeira capela. Os mordomos, escrivão e procuradores reforçavam a necessidade de se efectuarem as obras na sua capela por ser «muito antiga» e ameaçar ruína²⁴. Comprometiam-se a reedificá-la «com toda a desensia para se dizer missa nella com os mesmos materiais assim de paredes como do teto retabollo altar portas e grades como de presente esta»²⁵. A reconstrução da Capela de São Gregório teria de ser feita sem que houvesse «prejuizo algum da luz da fresta» da capela-mor da Sé «contiga a dita Capella de S. Gregorio» ou qualquer impedimento da «serventia que pasa por diante» da mesma capela²⁶.

Autorizados pelo Cabido a fazerem as obras que pretendiam na Capela do Santíssimo Sacramento, logo em 29 de Março²⁷ fazem novo contrato, desta vez com os mestres pedreiros que se iam responsabilizar pelo trabalho. Para isso contrataram os mestres pedreiros *Manuel Mendes, o velho, Custódio Ferreira, Mateus Vieira, Manuel Mendes e Mateus Nogueira*²⁸. Estes comprometeram-se a executar a obra

²³ A Capela de São Gregório foi mandada edificar pelo bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes (1603-1617), junto à Sé «onde hoje existe a Secretaria da Devoção de SS. Sacramento, e, portanto, o Aljube no tempo do Bispo Moraes ficava noutro lugar. Mudado o Aljube, é claro, a Capella não tinha razão de ser alli». Destinava-se a Capela de São Gregório «para nella ouvirem Missa os presos» do Aljube. Cf. FERREIRA, J. Augusto — Ob. cit., vol. II, p. 215. A Capela de São Gregório foi demolida em 1792.

²⁴ A.D.P., Idem, ibidem, fl. 90v.

²⁵ «querião desfazer e redeficar de novo e alargar mais para a parte de São Gregorio contiga da parte de fora com a capella do dito Senhor». A.D.P., Idem, ibidem, fl. 90v.

²⁶ «e que no recanto que ha de ficar entre huma e outra capella senão aproveitarão della mais do que somente para dispensa da fabrica do dito Senhor». A.D.P., Idem, ibidem, fl. 91.

²⁷ A.D.P., Secção Notarial, Po-1, 4.ª série, n.º 220, fls. 125-127v.

Fiadores: Manuel de Sousa; Manuel Vieira; António dos Santos e Bento Coelho. Testemunhas: Gaspar da Rocha Cardoso; Tomás Barbosa Dinis, Vicente Lopes e Manuel de Almeida de Loureiro.

²⁸ «E logo no dito dia mes e anno fui eu tabaliam as cazas e moradas de Costodio Ferreira pedreiro que são sitas na freguezia de Santo Ilofonso extramuros desta cidade aonde perante mim e testemunhas ao diante assignadas apareserão presentes sua mulher Pascoa Maria e Maria do Rozario mulher de Manoel Mendes o velho e Maria Gonçalves mulher de Matheos Vieira e Maria de Souza mulher de Manoel Mendes o novo e Maria Ferreira mulher de Matheos Nogueira todas mulher dos sobreditos pedreiros que tomarão a dita obra e asim mais pareserão presentes Maria dos Santos mulher de Manoel de Souza e Luiza Ferreira mulher de Manoel Vieira e Maria Ferreira mulher de Antonio dos Santos e Mariana Josepha mulher de Bento Coelho mulheres todas dos fiadores e principais pagadores [...] sendo a tudo testemunhas presentes Antonio

segundo a planta, cuja autoria não é referida, e apontamentos²⁹ que lhes foram entregues, recebendo pelo trabalho quatrocentos mil réis. Segundo o contrato, os artistas que arremataram a obra tinham de fazê-la no espaço de seis meses, a partir do dia da escritura, devendo ficar concluída em Setembro de 1707.

Fernandes ferrador e Manoel Monel Ferreira ferrador e Antonio Ferreira agulheiro todos moradores no rua Nova que vai para Mijavelhas...». A.D.P., Idem, ibidem, fls. 127-127v.

²⁹ «= Primeiramente se mudara a Capella de São Gregorio que hoje esta mistica com a dita Capella do Senhor para o lugar desenhado na planta que para iso se mandou fazer tomando a a por asim e da mesma sorte que oje esta deixando algumas adentasois para a parte da Capella do Senhor na parede que divide a dita capella da caza que ha de servir para a fábbrica de Senhor e ao depois de mudada a dita capella se desmanchara a que oje esta servindo ao dito Senhor e depois de descuberta a aria se altiara a dita capella ficando da capella maior para fora trinta e hum palmo e do arco da emtrada da dita capella para o respaldo vinte e sinco palmos pela parte de fora emchendo os aliserses athe a superfície da capella que hoje esta em grosura de sete palmos e dahi se releixara o que for nesario para as tres meias laranjas na forma que a planta as mostra deixando tambem os vanos para os almarios que a mesma planta mostra deixando no meio hum coadro perfeito de vinte e hum palmo para huma parte e de vinte para a outra a coal obra se continuara athe altura de nove palmos com os vaos asima ditos e dahi para sima se continuara moficando a parede sobre os ditos almarios o que nesario for para o encontro do barrete que sobre ella ha de fechar esta parte da Capella de São Gregorio se fecharão dous archetes sobre o corredor que se ha de comonicar para a caza da fabrica em o coal corredor avera huma porta no lugar donde a planta a mostra ou donde mais comviniente for e o dito corredor sera coberto de pavieiras de pedra em grosu digo de pedra emtregando nas duas paredes o que nesario for para a seguransa dellas e o corredor que fica pello lado da capella que ha de servir para as opas dos irmãos se fara da mesma forma cuberto tambem por sima com as mesmas pavieiras muito bem justas e lavradas de escoda para a parte de baixo a parede que ha de cordear com a fronteira da Capella de São Gregorio se emlegera athe a superfície da rua da grosura de coatro palmos em a dita superfisia da rua releixara meio palmo para dentro e dahi emte a superfície da capella se continuara nos tres e meio adonde releixara pela parte de dentro o que mostra no clarado a meio para dar largura ao corredor em o coal corredor

As obras na Capela do Santíssimo Sacramento continuariam no ano seguinte. Em 2 de Abril de 1708³⁰ fez-se um novo documento notarial, através do qual o mestre pedreiro *Custódio Ferreira*³¹, que já em 1707 trabalhara na capela, foi contratado pelos mordomos, procuradores,

avera huma porta para o brasso do cruzeiro como na mesma planta se mostra e no prepianho que se continua do dito corredor the altura da Capella de São Gregorio se meterão duas frestas no lugar donde a planta do perfil as mostra sobre o coal prepianho correrá o emtabolamento na forma da Capella de São Gregorio e asim mais se farão em o dito prepianho pela parte de fora dous cunhais na forma que no perfil se mostra hum junto ao botareo e outro que comresponda ao que se continua the o telhado da capella que este sera dobrado fazendo duas fasses aos dous meios redondos dos lados da capella os coais cunhais e parede correrá tambem seu emtabolamento pegando do botareo da Senhora do Prezepio emte ficar no lado da capella mor os coais cunhais do telhado do corredor e São Gregorio para sima serão trespelados para ambas as bandas que fasão ao menos dous dedos de resalto e tantos os cunhais como parede sera de silharia na forma que esta a capella maior e a boca do arco da Capella do Senhor se metara o que nesario for que fique de vinte palmos esforsados de vão metendo lhe hum arco escasoado muito bem feito que fique pela parte de sima em altura de trinta e tres palmos que he a altura aonde ha de prinsipiar abobeda de barrete o coal se ha de de firmar em coatro arcos de pedra que hão de sahir dos coatro cantos a fechar em hum anel que no meio ha de levar que ha de ter sete palmos de vão sobre o coal anel se ha de firmar a litera da altura que for conviniente para o que lhe dara o risco e os panos que ficão emtre os arcos de pedra se farão de tijollo como tambem na caza da fabrica a coal caza e corredores e capella sera tudo muito bem lagiado de pedra muito bem junta as fiadas exseto a capella que esa sera de lepinja e os degraos que forem nesario para o presbiterio e asim mais se revocara o restante da grosura da parede aonde se ha de meter o arco para volver abobeda como dahi athe o chão para o dezafoego da capella e o mestre que tomar esta obra sera obrigado abrir todos os aliserses athe altura de sinco palmos e se for nesario mais altura em alguma parte se avera com quem der esta obra e todo o official que tomar a dita obra sera obrigado a dar para ella todo o saibro e tijollo nesario para ella e telha que faltar ...». A.D.P., Idem, ibidem, fls. 125v.-126.

³⁰ A.D.P., Secção Notarial, Po-1, 4.ª série, n.º 222, fls. 112-113v.

Fiadores: António dos Santos Pinto, «vendeiro», casado com Maria Ferreira; *Mateus Nogueira*, pedreiro, casado com Maria Ferreira, a nova

de Mattos [*Yogza*]

Testemunhas: Vicente Lopes e António Coelho.

³¹ Casado com Páscoa Maria, moradores na freguesia de Santo Ildefonso, Porto.

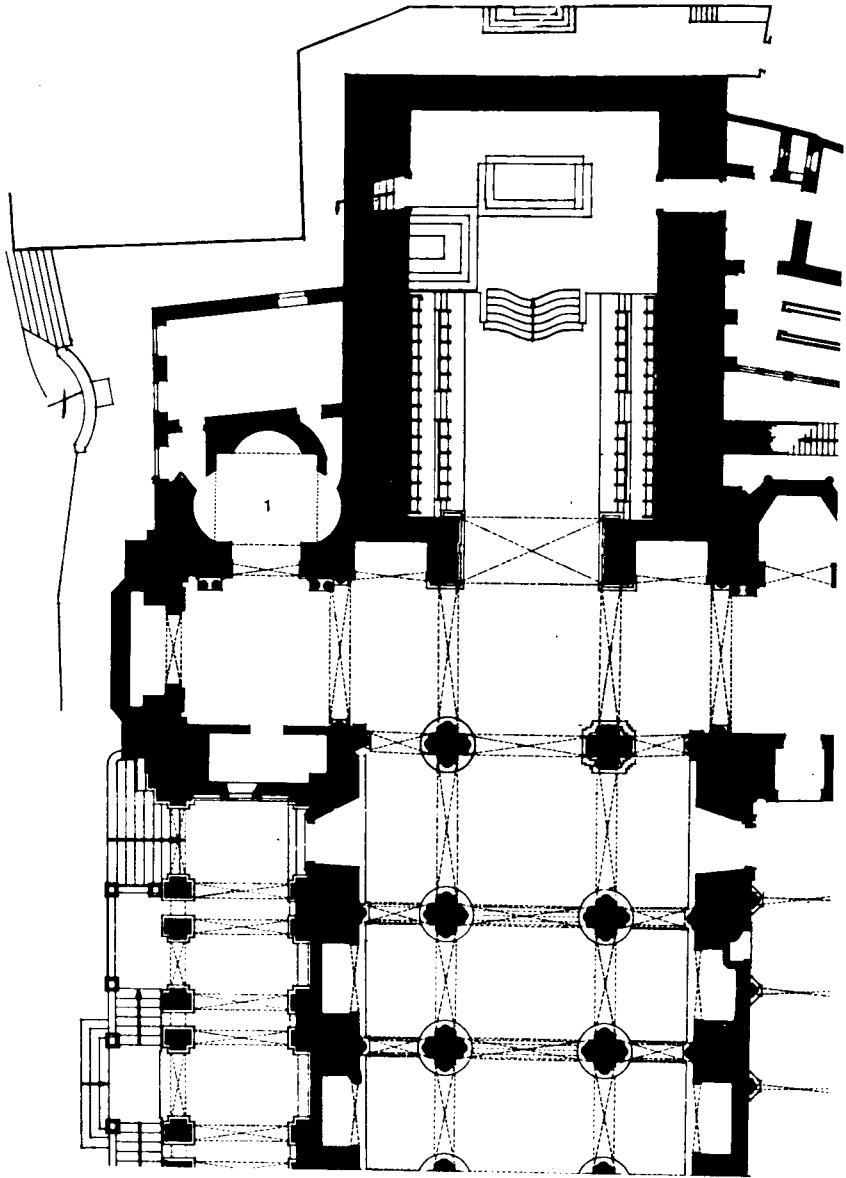
escrivão e tesoureiro da confraria³², para fazer um corredor³³ por trás da capela. Por esta obra receberia oitenta e cinco mil réis.

Os trabalhos realizados entre 1707 e 1708 na Capela do Santíssimo Sacramento, alteraram-lhe a forma primitiva, dando-lhe a que actualmente mantém (Fot. 2) — capela de planta centrada com três lados formados por segmentos de círculo³⁴.

³² A Confraria do Santíssimo Sacramento estava representada por:
reverendo Dr. Carlos da Rocha Pereira, mordomo;
José de Miranda e Vasconcelos, mordomo;
Manuel Telo da Veiga, escrivão;
Bento Aranha de Araújo, procurador;
Gaspar de Miranda, procurador;
José de Freitas Veloso, procurador;
António Álvares Ferreira, procurador;
Tomás Barbosa Dinis, tesoureiro.

³³ «Ha de ter o corredor que se pretende fazer no grosso da parede que fica em frente da Capella do Senhor vinte e coatro palmos de comprido e sete palmos de largo ou mais se o sitio o permitir para isto se ha de romper a dita parede metendo lhe hum arco de pedra muito bem feito e seguro o coal ha de ter alem de toda a grosura da parede hum palmo mais para a parte do adro para a rua dar a parede que se fizer por aquella parte para fechar o corredor a coal se for parede tera dous palmos e meio de largo e se for prepianho sera de palmo e meio coal os mordomos quizerem porem ou seja prepianho ou paredo sempre pela parte de fora que fica para o adro ha de ser de fiadas na forma que agora esta e pela parte de dentro da igreja se fechara o corredor com prepianho de palmo e torno de grosura e neste prepianho ficarão duas portas trespiladas cada huma dellas em seu lado de sorte que a fresta fique proposionadamente no meio dellas e a medida destas portas se darão a seu tempo e se declarara se hão de abrir para dentro ou para fora o arco tera o paramento que se criar vendo dentro no corredor todo escodado o chão do corredor ha de ser muito bem ladrilhado as fiadas de pedra boa rija e alva todas as mais paredes por dentro muito bem rebocadas goarnesidas e estucadas a fresta que esta nesta parede se ha de rasgar por dentro e por fora o que parecer conviniente athe tomar com o arco e o qual se romper se ha de tornar a goarneser muito bem na forma que esta a fresta serão obrigados os mestres que tomarem esta obra a dar todo o saibro nesario para ella e a repor o telhado do adro que se disfizer por rezão da dita obra outra vez na forma que estava serão tambem obrigados a tirar o azulejo com todo o cuidado para que se não quebre e o tornarão asentar a sua conta por mestre que bem o saiba fazer e os mordomos só serão obrigados a dar lhe a cal nesaria para toda a obra e algum azulejo no cazo que falte e se parecer conviniente metera alguma fresta na parede da parte do adro serão obrigados a fazella donde parecer mais nesario e conviniente e a tornar a por o asento que esta no adro na mesma forma que esta. Porto vinte e oito de Fevereiro de mil setesentos e oito annos = Miranda = E no caso que o propianho seja mais para o adro do que asima se dis serão obrigados os pedreiros a tapar por cima com treseiro arco de propianho para o arco do grosso da parede e não se continha mais nos ditos apontamentos...». A.D.P., Idem, ibidem, fls. 112v-113.

³⁴ Este tipo de planta aparece designada por: «Planta cuadrada con énfasis axial mediante alas semicirculares». Cf. HANEMAN, J. Th. — *Elementos de composicion arquitectonica*, Barcelona, 1985.



Fot. 2 — PORTO — Sé — Planta da Sé (Pormenor). 1. Capela do Santíssimo Sacramento (Reprodução de: B.D.G.E.M.N., n.º 40-43)

5 — Obra na igreja e claustro (1709)

Em 1709³⁵ foi contratado o mestre pedreiro *Domingos Pinto*³⁶ para fazer as sepulturas no interior da igreja e no claustro. Toda esta obra seria executada segundo os apontamentos³⁷ feitos por *João Pereira dos Santos*, notável mestre pedreiro e arquitecto do Porto dos finais do século XVII e primeiro quartel do século XVIII.

6 — Conclusão

Entre 1665 e 1709 fizeram-se diversas obras na Sé do Porto. Aquelas não foram mais do que alguns elos de uma grande cadeia que é a conservação e transformação de um edifício. A Sé do Porto exemplifica bem as mutações architectónicas e decorativas que se operaram, de forma quase sistemática, nas grandes construções religiosas: igrejas (e edifícios anexos) e conventos.

³⁵ Em 16 de Janeiro.

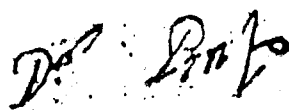
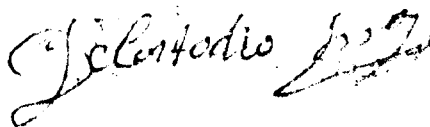
A.D.P., Secção Notarial, Po-1, 4.ª série, n.º 224, fls. 1v.-3

Fiadores: António Martins, casado com Madalena de Oliveira, residente no Padrão das Almas;

Manuel Martins, casado com Ana de Sousa, residente em São Lázaro.

Testemunhas: António Coelho, residente nos Açougues;

Lourenço de Freitas, oleiro, residente em São Lázaro. *Custódio Ferreira*, mestre pedreiro, residente em São Lázaro.

³⁶ Casado com Joana de Sousa. Viviam na freguesia de Santo Ildefonso.

³⁷ «Na igreja se farão as sepulturas do cruzeiro athe a Capella de Nossa Senhora do Prezepio e athe a porta da sancristia e as duas naves athe abaixo e entrada da porta principal e o claustro todos os coatro lansos, as sepulturas do Cruzeiro humas que tem humas armas se farão os paramentos a que fiquem bem coadradas e dahi se farão os rebaixos em altura de meio palmo e hum coadro de palmo de largo para asentarem as faixas isto se emtende somente as que tiverem as armas e se lhe fara furo para as levantar onde millhor acomodar ou se tiver modo de se cortar por baixo das armas se cortara e no fexo se abraira o buraco todas as mais serão ditas sepulturas de tres palmos e meio de largo ou de coatro a respeito das naves não caberem senão duas e estas hão de ser todas de nove palmos e meio de comprido e de tres pedras iguais e na do meio furada para se levantar e o releixo para asentar na faixa ha de ter meio palmo de alto e hum coarto de largo e as que tiverem dono e titollo se lhe far[a] na forma da que se tirar e

Das obras referidas no presente trabalho, queremos salientar a ampliação da sacristia em 1700 e sua respectiva decoração, e as alterações que se fizeram entre 1707 e 1708 na Capela do Santíssimo Sacramento. Estas foram as duas grandes transformações realizadas na Sé, antes das obras efectuadas a partir de 1717 que lhe dariam o cariz barroco que, em parte, ainda hoje conserva.

estas pedras hão de ter ao menos hum palmo craveiro de grosso muito escadrada sem falha nenhuma tanto por baixo como por sima a pedra sera bem alva e dura e que seria de escoda e toda a pedraria sera bem teza e alva e não sardinhenta sem pellos as faixas sera a pedra da mesma qualidade no lavrado e dureza e serão estas de duas pedras no comprimento e as da largura huma athe o meio outra ajusta a faixa nas cabessas e pes e terão de alto palmo e meio e de largo (?) pal[mo] e hum coarto para cada parte do emcaixe e meio de alto dito emcaixe para fa[zer] a faixa livre de hum palmo ditas faixas hão de correr direitas pelos pillares das naves e conforme a largura e se emtre pillar e pillar ficar lugar bastante para emterrarem criansas também fara fechos na forma dita para se levantarem para o que se valisa(sic) das sepulturas que estão para que cortadas e para ditas sepulturas ou para faixas nas emtradas para que fiquem como novas tendo a grosura atras dita e não a temdo não servirão que a mais pedra miuda se lhe dara as sepulturas de toda a coadra do claustro tambem ha de ser na mesma forma das da igreja com as mesmas circunstansias e se repetira conforme a largura do claustro mas que não fique menos das outras e tambem emtre as vasas dos arcos se meterão os fechos que couberem para minimos e com boa repartição e tudo bem ao nivel e muito bem apertadas nas juntas e se lhe dara toda a pedra que se tirar para se aproveitar della para outra obra que para esta não serve e toda esta obra o mestre que a tomar sera obrigado a trazer nella officiaes ao menos quinze homens emtre lavristas e asentadores e trabalhadores e fora os cortadores do monte e faltando a isto se lhe meterão ditos officiaes a sua custa ...».

A.D.P., Idem, *ibidem*, fls. 1v.-2.
 (?) — Palavra ilegível.